

**III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e
Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e
Brasilidades em Educação e Relações Étnico-Raciais**

**A REPRESENTATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO DE CASO NO PIBID**

Rafael Teixeira Ciríaco de Souza¹

*“Enquanto ancestral de quem tá por vir, eu vou
cantar com as menina enquanto germina o amor.
É empírico, meio onírico, meio Kiriku, meu espírito
quer que eu tire de tu a dor.”*

(Emicida)

Resumo

O presente trabalho surgiu de experiências obtidas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Durante a estadia do bolsista no espaço escolar, foi possível observar o cotidiano da rede pública e suas realidades. A partir da vivência com os estudantes, algumas situações presenciadas saltam aos olhos no que tange à educação das relações étnico-raciais, dessa forma, neste trabalho serão analisadas algumas práticas estudantis sob tal recorte. Considerando os casos observados, a pesquisa tem como objetivo pensar possíveis atividades antirracistas a serem desenvolvidas nas escolas, buscar implementar práticas da Filosofia Africana Moderna nas relações escolares, além de valorizar o aluno negro através da arte-educação. Como metodologia, foram abordadas duas situações ocorridas, sendo analisadas qualitativamente. Foram trazidos aspectos da Filosofia Africana na educação, estudados por Machado (2014) no artigo “Filosofia Africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais”, como a noção de

¹ Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Vila Velha.
E-mail: rafaelteixeiradesouza96@gmail.com.

comunidade, a ancestralidade e o encantamento. Também recorre-se a Cavalleiro (2000), em sua dissertação e livro “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, para contextualizar as formas de tratamento da criança negra na escola. Com base nessa pesquisa, foi possível chegar a propostas de aulas que reforcem as características culturais e físicas do negro na educação infantil, promovendo a pluralidade e a representatividade. Palavras-chave: Educação Infantil. Negritude. Representatividade.

Introdução

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é um programa subsidiado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que possibilita a atuação de alunos de licenciatura na educação básica pública. Através desse programa, o graduando adquire maior contato com a sala de aula e com a prática docente, o que valoriza sua formação enquanto estudante e, posteriormente, como profissional.

Para os alunos da educação básica, seja no nível infantil, fundamental ou médio, o projeto também tem seu valor, visto que os pibidianos (como são chamados os universitários inseridos no programa) buscam planejar aulas lúdicas, interessantes e focadas nas necessidades dos estudantes. As medidas tomadas para melhorar o aprendizado dos alunos na escola são supervisionadas e discutidas não só pelos pibidianos, mas também pelo professor supervisor e pelo professor coordenador do projeto, o que demonstra o comprometimento de toda a equipe para com o funcionamento do programa.

As intervenções aqui abordadas foram realizadas em uma Unidade Municipal de Educação Infantil de Vila Velha, por graduandos dos cursos de Artes Cênicas, Educação Física e Pedagogia, da Universidade Vila Velha, com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos.

Deve-se levar em consideração o contexto sociocultural em que essa unidade de ensino se localiza. Existe uma variabilidade muito grande de realidades sociais dentre os alunos da escola, o que requer uma abordagem constituída de elementos abrangentes a todas as camadas sociais. Assim, se torna possível minimizar os impactos negativos que as diferenças podem causar

dentro da escola, revertendo isso em valorização da diversidade. Considerando as crianças como seres históricos e socioculturais, se abre um leque de possibilidades, visto que os alunos, apesar de novos, já trazem uma bagagem de conhecimentos que muitas vezes não são notados devido ao modelo institucionalizado de educação.

Nesse âmbito, é notável a forte presença de crianças negras na instituição, o que recorta o olhar do professor pesquisador sobre as relações no ambiente escolar. Há séculos o Movimento Negro vem lutando contra o racismo nos diversos segmentos da sociedade e, com isso, conquistando os direitos básicos que lhe foram negados outrora. No que tange à área da educação, a Lei 10.639/2003 regulamenta o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, no entanto, o cumprimento dessa lei ainda acontece de maneira tangenciada. Embora o currículo escolar toque em assuntos referentes à história e cultura dos negros, por vezes essa abordagem é feita superficialmente e, em grande parte, sob a perspectiva do homem branco.

Considerando o enraizamento do racismo estrutural na sociedade brasileira e, conseqüentemente, na cultura e educação, é possível observar que os bens culturais também são afetados por esse problema. Assim, a Arte é constituída, principalmente, por artistas brancos e narrativas centradas em seus próprios feitos, delegando aos negros e suas vivências um espaço de subalternidade.

Na literatura infantil e no cinema, as representações racistas são escancaradas, tanto no texto verbal, quanto nas ilustrações que o acompanham. Em um primeiro momento, a falta de representatividade nas obras já se configura como um problema, visto que são poucas as produções infantis com personagens negros amplamente divulgadas. Outro ponto é a escassez de elementos culturais afro-brasileiros nos livros e filmes existentes, que, na maioria das vezes, invisibilizam a cultura imbricada aos personagens negros. Há, ainda, casos em que o corpo negro presente nas imagens é desenhado de forma desumanizada, com traços descuidados e desfigurados.

As crianças, em seu processo de apreensão de mundo, internalizam o que consomem. Sendo assim, para que elas cresçam em um ambiente educacional saudável e que valorize suas particularidades, é necessário atualizar suas referências. Dessa forma, neste trabalho será realizado um estudo de caso sobre

as ações dessas infâncias em uma UMEI de Vila Velha, no Espírito Santo, além de suas relações com a Arte e a negritude, observando como novos produtos e referências podem mudar a visão sobre si. Por fim, será proposto um projeto que valorize a cultura, história e corpo negro, a fim de fortalecer os laços afetivos das crianças negras consigo mesmas.

Aporte Teórico

Para a concretização deste trabalho, é fundamental revisitar outros pesquisadores que nos antecedem. Para isso, o livro e dissertação “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, de Eliane Cavalleiro (1998) será trazido para contextualizar o racismo escancarado nas escolas de educação infantil. Também será utilizado o artigo “Filosofia Africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais”, de Adilbênia Machado (2014) para nortear as práticas educacionais propostas, valendo-se de aspectos da Filosofia Africana Moderna a fim de incrementar — senão reformular — o processo de ensino-aprendizagem.

Em certa altura de sua pesquisa, Cavalleiro traz fragmentos de falas dadas por professoras em entrevista. Já no trecho abaixo é perceptível o racismo adotado nos posicionamentos

(...) porque o preconceito de raça, se você pensar bem, geralmente é em matéria de cheiro. Uma pessoa que é negra, a pele, a melanina faz com que o cheiro fique mais forte. Hoje em dia, esse preconceito de cheiro já melhorou muito com os produtos modernos das nossas indústrias - os desodorantes, as minâncoras da vida (pomadas) (CAVALLEIRO, 1998, p. 101).

Nesse excerto, a docente tenta justificar o preconceito atrelando-o ao cheiro, que, segundo ela, os negros exalam. Acreditando adotar uma postura não-racista, a entrevistada deixa transparecer seu racismo, visto que os pontos que utiliza para se embasar não se confirmam cientificamente.

Os variados posicionamentos notavelmente racistas das professoras entrevistadas reforçam o estigma que as crianças negras carregam sobre si e seu corpo. Esse fato pode ser observado ao ler a passage

Nesse sentido, Godoy afirma que as crianças negras nessa faixa etária se sentem desconfortáveis quando da necessidade de verbalizar e/ou assumir sua condição étnica. Tendencialmente, para a pesquisadora, as crianças demonstraram uma interiorização negativa das suas diferenças raciais, procurando assemelhar-se fisicamente ao branco (CAVALLEIRO, 1998, p. 61).

Portanto, ao passo que as docentes, figuras de poder dentro de sala de aula, reafirmam a beleza da criança branca, com gestos e palavras, e negligenciam a criança negra, o imaginário dessas infâncias vai sendo moldado. Os negros, desde a primeira idade, vão interiorizando os julgamentos sociais e juízos de valor deturpados acerca da sua beleza, da sua inteligência, dos seus talentos e potências. Assim, a escola se mostra como um espaço opressor quando deveria adotar uma postura antirracista.

Dessa forma, este trabalho visa subverter o racismo escolar propondo práticas de ensino antirracistas. Para isso, recorreremos aos pilares da Filosofia Africana Moderna, que irão nortear as atividades propostas. Em um primeiro momento, a citação de Somé elucidada que a *comunidade* é

o espírito, a luz-guia da tribo, é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. (...) as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros." (SOMÉ apud OLIVEIRA, 2014, p. 2)

Assim, a escola deve adotar os princípios da *comunidade* para organizar seus trabalhos, visto que nela é valorizada a coletividade e a alteridade, incentivando que as contribuições de todos sejam válidas. Esse modelo também pode ser potente para a integração entre crianças negras, fomentando uma sensação de pertencimento e fortalecendo os elos.

Além disso, a *ancestralidade* é um conceito que também será trazido neste trabalho, a fim de conectar as crianças com sua história e sua origem, que lhes foi negada por séculos. Esse também é um importante passo para a consolidação dos afetos pela cultura do povo negro.

Outro ponto utilizado é o encantamento. Segundo Oliveira,

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já dado. O Olhar encantado re-cria o mundo. (...) Dá-se no interior da forma cultural. O encantamento é uma atitude diante do mundo. É uma das formas culturais, e talvez uma das mais importantes, dos descendentes de africanos e indígenas. O encantamento é uma atitude frente à vida. (OLIVEIRA apud MACHADO. 2014, p.17)

Assim, recorreremos ao *encantamento* através da Arte para propor atividades que iniciassem um processo de mudança de perspectiva das crianças negras frente ao mundo. Visto que elas são passíveis de influências por tudo que consomem, provoquemos a mudança de olhar e aumentemos o leque de produtos de consumo.

Estudo de Caso

No que tange à criança negra, a representatividade se mostra de extrema importância. O processo de escravização e colonização no Brasil deixou marcas sociais que reverberam até os dias atuais, dentre elas, a ausência das pessoas negras em espaços de maior privilégio. Dessa forma, o campo das artes cênicas, reforçado pela mídia televisiva, também se apresenta como um local majoritariamente branco. Tais fatos fazem com que as crianças negras não se reconheçam nas histórias e personagens que consomem, refletindo em como elas se enxergam, nos padrões de beleza e comportamento adotados e nas perspectivas criadas para si. Outro campo onde a representatividade falha é o escolar, visto que é escassa a presença de negros ocupando cargo de professor, posição essa que denota poder dentro de sala de aula.

Considerando o exposto, cabe ressaltar um episódio ocorrido na escola. Durante uma atividade em que os pibidianos pintavam os rostos das crianças com a temática de super-heróis, um aluno, o único negro da sala, pediu que desenhassem nele o símbolo do Pantera Negra, herói negro que ganhou destaque nos últimos anos e protagonizou o filme homônimo indicado ao Oscar de Melhor Filme em 2019.

Isso nos mostra que a presença de personagens negros em produtos audiovisuais de amplo consumo, que fujam dos estereótipos negativos geralmente adotados, colocando-os em posição de poder, acarreta uma identificação das crianças com esses personagens. Ela passa, então, a associar

um status de poder a pele preta e aos traços negros, acabando por relacionar essas características também a si, o que auxilia na aquisição de auto-estima pela criança negra. Rodeadas por produtos artísticos protagonizados por brancos, a criança negra se vê invisibilizada pela mídia. Com a ascensão de filmes como Pantera Negra, Super Choque, Homem-aranha no Aranhaverso, A Princesa e o Sapo etc, essas crianças começam a ser representadas no *mainstream*, se deparando com uma representação outra de princesas e heróis, o que auxilia na reformulação do imaginário infantil.

Mais um caso dentro desse mesmo tema ocorreu com um aluno do espectro autista. A criança sempre foi muito introspectiva na escola, porém, certo dia, ele veio me dar um abraço. Inicialmente, fiquei surpreso com o gesto, mas logo depois compreendi a dimensão de sua ação. A professora do menino me disse que seu pai, por quem é criado, é um homem negro.

Esse fato nos mostra a importância de haver professores negros dentro da escola. Assim, as crianças têm um referencial concreto de pessoas negras em locais de prestígio social, possibilitando que elas entendam aquele espaço como um local seguro para (re) existir e uma possibilidade futura para si. Também é importante o afeto, que, como visto no exemplo, surge de forma quase natural quando o aluno negro se depara com um igual em sala de aula.

Além disso, a presença de professores negros na escola tende à garantir um espaço mais democrático e antirracista, uma vez que esses profissionais, a partir de suas vivências, podem agir ativamente quando presenciarem momentos de racismo dentro de sala de aula. Assim como Cavalleiro (1998) mostra que professores temem falar sobre racismo ou se isentam quando se deparam com tais atos, os ambientes educacionais atuais também se calam frente à injustiças. Muitos têm medo de não saber como lidar com o caso ou até mesmo não percebem, optando por ignorar o ocorrido. Então, professores negros, que já sentiram, de fato, na pele o racismo — quando crianças e sempre — se veem impelidos a interferir. É pungente.

Proposta de Trabalho

O Espírito Santo, segundo pesquisa do IBGE (2017), tem 61% da sua

população formada por pessoas autodeclaradas pretas ou pardas. A partir desse dado, surge a reflexão sobre a (falta de) representatividade desse grupo nos espaços intelectuais privilegiados. Recortando a crítica para o campo da educação infantil e visando resolver os problemas pontuados ao longo deste artigo, propomos uma atividade que poderá ser desenvolvida em escolas cujo os impasses aqui relatados também se façam presentes. Cabe ressaltar que o projeto aqui idealizado deverá ser adequado à realidade de cada escola e à idade dos alunos envolvidos.

O trabalho didático que será proposto utiliza a Arte, com foco na literatura e no cinema, como material para as aulas. Dessa forma, o projeto de leitura² se divide em cinco momentos: a visita à biblioteca e pesquisa por livros; o “Cineclubinho”, em que serão assistidos filmes com temática racial; a contação de histórias; a produção artística das crianças; e a socialização dos trabalhos.

Em um primeiro momento, o professor guiará os alunos pela biblioteca da escola para que eles se familiarizem com o espaço e conheçam os livros. Nessa etapa, será realizado um levantamento de dados sobre os livros com temáticas étnico-raciais, por parte do professor, presentes na biblioteca da escola onde o trabalho será realizado, observando também as formas de abordagem das narrativas negras.

Como segunda atividade, o professor organizará um cineclube com as crianças, exibindo filmes que retratem o negro como protagonista de narrativas profundas e humanizadas. Cabe ressaltar que poderão ser levados curtas metragens, longas, ou até vídeos infantis, a depender da idade da criança, adequando da melhor forma para prender sua atenção. É interessante que se crie um ambiente apropriado para o trabalho, deixando a sala aconchegante e simulando um cinema, a fim de garantir uma imersividade maior à prática. Outro ponto que pode ser utilizado são as produções cinematográficas locais, visto que muitas vezes o trabalho do cineasta negro atuante nos estados fora do eixo Rio-São Paulo são invisibilizados.

Após o levantamento estatístico e a leitura crítica, pelo professor, dos materiais encontrados na biblioteca, durante a primeira atividade, serão

² Aqui considerando a leitura como um processo amplo, que engloba não só a leitura do texto verbal, mas também de outras linguagens e códigos, além da leitura de mundo.

selecionadas obras que considerem a cultura afro-brasileira para serem usadas em rodas de contação de histórias realizadas pelo docente, prática essa que referencia e reverencia os *Griots*, valorizando a oralidade e adotando o movimento circular. Essa intervenção se pauta na ideia de que

É imperativo que se fale desde as experiências vivenciadas, uma vez que o conhecimento é um acontecimento empírico, daí nosso fazer filosofia africana, nosso pensar a educação desde o cotidiano, desde as danças, os mitos, os ritos, os contos, a música, a poesia, a capoeira angola, os Babalorixás, as Yalorixás, o/a griô, etc. (MACHADO, 2014, p. 5)

Através da *Filosofia Literária* e do diálogo inevitável com outras correntes da Filosofia Africana, será colocado em discussão com as crianças, de forma lúdica, o afeto pelo corpo negro e a *ancestralidade* — por vezes também retomando os mitos africanos.

Durante as rodas de contação de histórias, o professor contará histórias que foram selecionadas previamente na biblioteca ou em outras fontes, caso o material no espaço escolar seja escasso. Aqui, as crianças serão incentivadas a participarem das histórias dando suas contribuições no destino da narrativa. Todo o processo será mediado pelo professor contador de história.

A partir das narrações ouvidas, as crianças terão um momento para criarem suas próprias narrativas, de maneira livre. Para abranger as diversas linguagens artísticas contempladas no decorrer do projeto, elas poderão optar pela forma de confecção das histórias, podendo ser escritas, oralizadas, filmadas ou desenhadas. Tomando de empréstimo o termo de Conceição Evaristo, as crianças negras farão suas primeiras *escrevivências*³, considerando suas breves, mas já intensas experiências como corpo negro na sociedade brasileira. A autora defende que seu texto “nasce profundamente marcado pela experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência que se dá realmente através dessa vida, que é a vida do povo negro: homens, mulheres, crianças.” (EVARISTO, 2020).

O contato das crianças entre si e delas com o contador de histórias reforça a ideia de *comunidade* e de aprendizagem pelo contato com o Outro. A *ancestralidade* é tema recorrente nas histórias, se definindo como fio condutor nas

³ Conceição Evaristo cria o termo pensando em seu lugar de mulher negra. Nesta pesquisa, o uso será ampliado também às crianças, salvo as devidas proporções.

intervenções. Por sua vez, o *encantamento* é parte fundamental para potencializar o momento de ação. Por meio desses três pilares, conseguiremos iniciar essas crianças na Filosofia Africana Contemporânea.

Por fim, a partir das narrativas produzidas durante as rodas de contação de histórias e de produção artística, o professor utilizará elementos dos escritos infantis para organizar um fanzine sobre negritude. De maneira lúdica e participativa, o docente e os alunos produzirão pequenos livros utilizando materiais escolares ou laboratório de informática, quando disponível e apropriado. As histórias e desenhos criados pelas crianças serão foco desse produto, que valorizará a negritude em seus aspectos físicos, históricos e culturais. O material poderá ser socializado com os demais estudantes da escola, exposto em murais ou levado para casa como forma de recordação do projeto.

Com esse material, também é possível expandir os resultados do projeto. Caso o professor tenha interesse, poderá digitalizar os fanzines e disponibilizar na internet, divulgando as primeiras manifestações artísticas das crianças e inspirando outros professores a adotar a prática em suas escolas. As instituições e espaços informais de aprendizagem poderão utilizar o material digital para abordar a História e Cultura Afro-brasileira e outros temas, proporcionando aos alunos negros a oportunidade de verem seus corpos e sua cultura representada em um lugar de privilégio.

A partir desse projeto, utiliza-se a Arte como condutora do processo de ensino-aprendizagem, promovendo o *encantamento* nas crianças e proporcionando-as uma nova forma de ver o mundo. A literatura e o audiovisual também são democratizados nesse trabalho, mostrando-se como um espaço lúdico de representatividade e possibilidades para as crianças negras.

Ao mesmo tempo, a Filosofia Africana permeia todo o processo, uma vez que durante as atividades sua lógica se faz presente direta e indiretamente. Assim, no momento do trabalho, preza-se pela *circularidade* na organização dos espaços, garantindo o envolvimento igualitário de todos os alunos nas discussões e apresentações.

Por sua vez, a *alteridade* também aparece, visto que o contato com o Outro é latente, influenciando na experiência das crianças, na trocas entre elas e, por conseguinte, refletindo em suas produções. Esse ponto é reforçado ainda pela

convivência em *comunidade* (aqui me refiro ao grupo de alunos e professores que se criou na escola para execução do projeto), onde cada um acrescenta suas ideias de maneira democrática e é valorizado por elas.

Cabe trazer ainda a força da *oralidade* presente no projeto. Em um modelo de educação cada vez menos interativo e mais tolhido, em que os alunos são impedidos de conversar, se movimentar e se expressar, o projeto proposto vem para romper com esse tradicionalismo. Durante o trabalho, as crianças são incentivadas a participar, se manifestar e expor suas ideias com voz e corpo.

Considerações Finais

Considerando o exposto ao longo do trabalho, foi possível observar como a Filosofia Africana é fundamental para consolidar uma Educação Antirracista, uma vez que ela propõe uma forma outra de organização da dinâmica escolar. Afinal, a educação como é concebida atualmente no Brasil surgiu como forma de domesticação dos povos, o que reverbera até os dias de hoje. Essa também sofre grandes influências de filosofias européias. Logo, a adoção de práticas da Filosofia Africana tende a romper com as lógicas tradicionais de educação que não representam grande parte dos nossos alunos.

Além disso, a Arte, nas linguagens abordadas durante o projeto, se mostrou como potencializadora da Educação das relações étnico-raciais, podendo ser uma forte aliada no processo de implementação de fato da Lei 10.639 nas escolas do país. A literatura e o cinema abordam de forma lúdica temas fundamentais a serem debatidos desde a primeira infância, além de ter o poder de materializar a representatividade na prática ao retratar personagens negros e suas vivências de forma heróica.

Portanto, a intersecção entre Arte, Educação e Representatividade não é aleatória. Esses três temas se entrecruzam, afinal, todos passamos por um longo período de escolarização, o que é referência obrigatória quando falamos sobre educação; no entanto, esse espaço tende a reafirmar uma estética branca. Para solucionar esse problema, a Arte desempenha papel importante, uma vez que pode ser utilizada para desconstruir padrões de branquitude já estabelecidos no imaginário social e propor outras referências para a construção de um ideário

plural, democrático e antirracista.

É importante frisar ainda que as conclusões chegadas neste trabalho levam em conta um recorte específico. Assim, outras pesquisas e propostas que abordem outras esferas da Arte e Educação são necessárias e urgentes para consolidar uma rede de pesquisas que contemple como esses tópicos influenciam a dinâmica das relações étnico-raciais em ambiente escolar.

Referências Bibliográficas

CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivivência. Leituras Brasileiras. **Youtube**. 2020. 23min17s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=153s>>. Acesso em: 20 out. 2020.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Orientador: Prof^a. Dr^a. Jerusa Vieira Gomes. Dissertação (Mestra em Educação), São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/212430153/Dosilencio-do-Lar-ao-silencio-Escolar#download>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MACHADO Adilbênia Freire. **Filosofia Africana para descolonizar olhares**: perspectiva para o ensino das relações étnico-raciais. Tear revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, vol. 3, n. 1, p. 1- 20. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854/1438>>. Acesso em: 19 out. 2020.